

O documentário *A Leitora:*

notas sobre o processo criativo



Financiamento



**POLITÉCNICO
DE LISBOA**

POLYTECHNIC
UNIVERSITY
OF LISBON



ESCOLA SUPERIOR
DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

LIACOM

Laboratório de Investigação Aplicada
em Comunicação e Média



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

Parceiros

Cadeira UNESCO
Comunicação,
Literacia Mediática
e Cidadania



ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
DE LISBOA

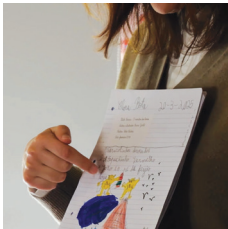


António Arroio
ESCOLA ARTÍSTICA

O documentário *A Leitora:*

notas sobre o processo criativo

OUTUBRO, 2025



ba



06 Prefácio

09 O projeto Doc-Edu

13 *A Leitora*

17 Da ideia ao filme



Prefácio

*Un país sin cine documental
es como una familia sin álbum de fotografías.*

Patricio Guzmán

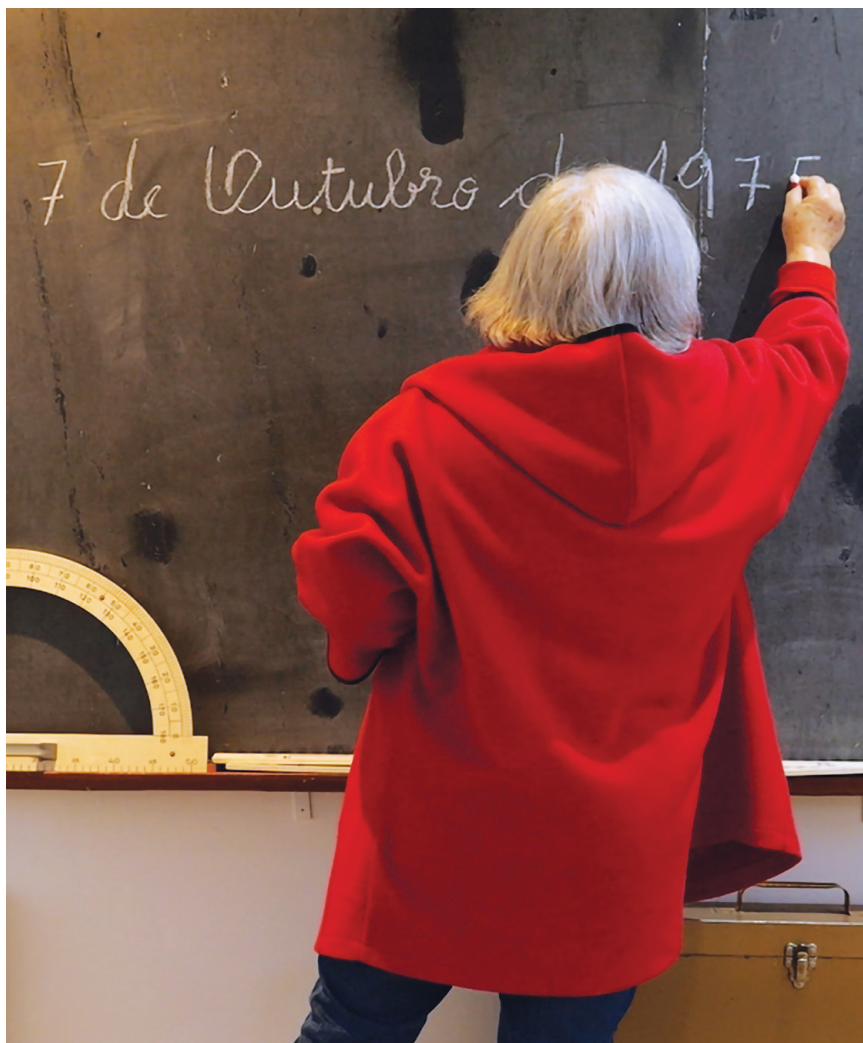
Um dia dei com esta frase. Deu-me jeito porque procurava a melhor forma de explicar aos meus alunos a importância que o documentário tem nas nossas vidas. Pegando na feliz imagem de Guzmán, realizador chileno que muito admiro, falei-lhes, durante uma aula, do significado de folhear um álbum de fotografias, onde podemos reencontrar ou ver, às vezes pela primeira vez, os nossos avós, pais e irmãos, primos e tios e muitos amigos que, juntos, fazem parte do nosso caminho. Sem esta memória, presente nas imagens que guardamos, a nossa história seria, certamente, mais difusa. Não veríamos os pormenores que sublinham o trajecto único que faz da nossa uma vida diferente de outras, mas, também, uma vida semelhante a tantas. O cinema documental de um país é o seu álbum de fotografias. Testemunha a sociedade e o mundo dando a conhecer aspectos da vida como nunca os havíamos visto. Quem faz documentário interpreta a realidade, envolvendo-se com a riqueza e a

ambiguidade da vida, através de um ponto de vista sobre esse mundo que nos apresenta. Ao promover valores humanos, contribui para uma consciência crítica na audiência.

*« Nous ne sommes pas faits que d'histoires. Mais sans histoires, nous ne sommes pas, ou nous sommes peu. Et comme une **histoire est avant tout mouvement d'un point à un autre, qui ne laisse jamais les choses dans l'état du commencement, nous vivons dans cet écoulement, dans cette mouvance.** »*

Esta profunda reflexão do argumentista francês Jean Claude Carrière diz-nos, de forma poética e clara, que as histórias nos transformam sempre, que são o espelho do que ainda não conseguimos ver e que dão sentido ao que parece não o ter.

A história que aqui se conta, a de uma leitora tão especial, é comovente e inspiradora. Num tempo estranho e difícil em que palavra esperança perde luz, o filme *A Leitora* surge com um inesperado vigor. A vida



da professora Maria Encarnação e as suas reflexões sobre o acto de ler levam-nos neste movimento de que fala Carrière, de um ponto ao outro, convocando as nossas memórias pessoais e do país que fomos. O des-

tino deste filme cumpre-se ao suscitar a nossa vontade em refletir sobre os gestos que determinam o nosso futuro e que podem torná-lo melhor.

Joana Pontes



o pican l. e. h
o pican m. u. d. l
o pican m. u. d. l
o pican m. u. d. l
o pican m. u. d. l
o pican m. u. d. l

O projeto Doc-Edu

O projeto *DOC-EDU: Olhares sobre a iniciação à leitura e à escrita. Da produção à comunicação de um recurso educativo audiovisual* foi desenvolvido na Escola Superior de Comunicação Social, em parceria com a Escola Superior de Educação de Lisboa, com financiamento do Politécnico de Lisboa (IDI&CA IPL).

Este projeto teve como objetivo a conceção e o desenvolvimento de um documentário que apresenta uma reflexão sobre o processo de iniciação à leitura e à escrita.

Transversalmente, explora-se o potencial do documentário, não apenas enquanto recurso educativo, mas também enquanto suporte de transmissão de conhecimento e de registo de memórias no âmbito das instituições de ensino superior.

PROMOTOR

Escola Superior de Comunicação Social

Instituto Politécnico de Lisboa

LIACOM

Laboratório de Investigação Aplicada em Comunicação e Média

DURAÇÃO

setembro 2024 – setembro 2025

FINANCIAMENTO

9ª edição do Concurso de Investigação, Desenvolvimento, Inovação e Criação Artística (IDI&CA) do Instituto Politécnico de Lisboa (IPL)

REFERÊNCIA DO PROJETO

IPL/IDI&CA2024/DOC-EDU_ESCS

PARCEIROS

Escola Superior de Educação de Lisboa

Escola Artística António Arroio

Cátedra UNESCO Comunicação, Literacia Mediática e Cidadania,
atribuída à Escola Superior de Comunicação Social

Financiamento



POLITÉCNICO
DE LISBOA

POLYTECHNIC
UNIVERSITY
OF LISBON



ESCOLA SUPERIOR
DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

LIACOM
Laboratório de Investigação Aplicada
em Comunicação e Média

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

Parceiros

Cátedra UNESCO
Comunicação,
Literacia Mediática
e Cidadania



ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
DE LISBOA



António Arroio
ESCOLA ARTÍSTICA

EQUIPA



Joana Souza
Coordenadora/Investigadora
Escola Superior de
Comunicação Social/LIACOM



Adriana Cardoso
Investigadora
Escola Superior de Educação
de Lisboa/CLUL



Ricardo P. Rodrigues
Investigador
Escola Superior de
Comunicação Social/LIACOM



Joana Pontes
Investigadora
Escola Superior de
Comunicação Social/LIACOM



Susana Pereira
Investigadora
Escola Superior de Educação
de Lisboa



João Ribeiro
Investigador
Escola Artística António Arroio

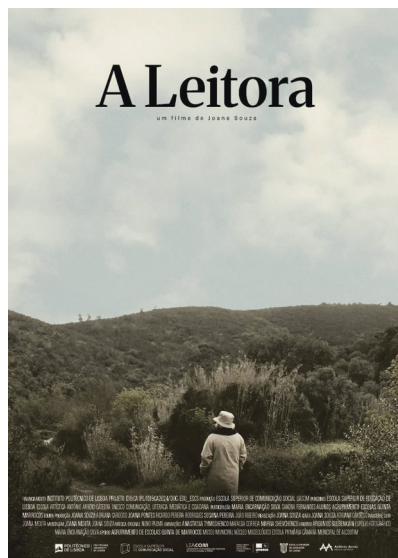


A Leitora

Filme documentário produzido no âmbito do projeto *DOC-EDU: Olhares sobre a iniciação à leitura e à escrita. Da produção à comunicação de um recurso educativo audiovisual.*



[Trailer do documentário A Leitora](#)



O documentário conta-nos a história de Maria, uma professora aposentada que regressa à sua terra natal e desfia memórias sobre a forma como se tornou leitora e, mais tarde, professora. Ao revisitar a sua história de leitora, Maria reflete, numa lógica de meta-análise, sobre o processo de formação de leitores. Através do seu testemunho enquanto professora de

1.º Ciclo do Ensino Básico e de Ensino Superior, deixa-nos pistas para pensarmos o modo como se ensina e se aprende a ler e a escrever num determinado tempo e lugar. Com as suas memórias, percorremos também parte da história de um país e, naturalmente, da história de cada um de nós.

FICHA TÉCNICA

Título

A Leitora (30’)

Produção

Projeto DOC-EDU: Olhares sobre a iniciação à leitura e à escrita.
Da produção à comunicação de um recurso educativo audiovisual
(IPL/IDI&CA2024/DOC-EDU_ESCS), Instituto Politécnico de Lisboa (IPL)

Equipa de produção

Adriana Cardoso, Joana Souza, Joana Pontes, João Ribeiro,
Ricardo Pereira Rodrigues, Susana Pereira

Realização

Joana Souza

Guião e investigação

Adriana Cardoso, Joana Souza

Imagem e som

Joana Mouta

Montagem

Joana Mouta, Joana Souza

Música original

Nuno Palma

Animações

Anastasiia Tymoshenco, Mafalda Correia, Mariia Shevchenco

Imagens de arquivo

Arquivos Gulbenkian, Acervo fotográfico Maria Encarnação Silva

PARTICIPANTES

Professora

Maria Encarnação Silva

Professora 1.º ano e alunos da turma B,

Escola Básica José Salvado Sampaio

Sandra Fernandes (professora)

Afonso S., Alexandra V., Allice A. S., Alice B. S., Anna R., Aroosh K., Catarina A., Clara B., Clara P., David S., Diana L., Diego C., Dinis R., Dmytro V., Francisco P., Laura M., Luísa M., Maria Leonor C., Mário S., Martim B., Martim P., Pedro F., Rafaela L., Simão A. (alunos).

AGRADECIMENTOS

O nosso sincero agradecimento a todos os que participaram no filme e ajudaram à sua realização: à Maria Encarnação Silva, pela generosidade em partilhar connosco as suas histórias, à Sandra Fernandes e aos seus alunos pela hospitalidade com que nos receberam e às suas famílias por terem permitido a sua participação, à Joana Mouta pela sensibilidade e profissionalismo com que abraçou o projeto, ao Nuno Palma por nos dar uma banda sonora tão comovente, ao vizinho Ernesto pelas suas histórias, ao pastor Zé Manel e às suas ovelhas. Agradecemos ainda à Escola Básica José Salvado Sampaio, ao Agrupamento de Escolas Quinta de Marrocos, ao Museu Municipal - Núcleo Museológico Escola Primária e à Câmara Municipal de Alcoutim.

EXCERTOS DE HISTÓRIAS NARRADAS POR MARIA ENCARNAÇÃO SILVA

Os Gatos Janotas, de *Livro de Leitura da Segunda Classe*, de Judite Vieira, Manuel Ferreira Patrício, Silva Graça e o *O Pássaro Verde*, de Alice Vieira

O título *A Leitora* inspira-se no poema homónimo de António Ramos Rosa.



MP4 4K 420/10L 50.00P FULL AFS



12m43s

48kHz/16bit

EXT LUT ON

CH1 CH2

50

F3.8

1/3

ISO 500

36m29s

Da ideia ao filme

A ideia

A história deste documentário começa com um problema. Adriana Cardoso e Susana Pereira, docentes da Escola Superior de Educação de Lisboa (ESELx), pensam em voz alta na questão da preparação de futuros professores para o ensino da leitura e da escrita nos primeiros anos de escolaridade. Os estudantes da ESELx referem frequentemente que não se sentem preparados neste domínio

e os estudos nacionais reforçam a ideia de que a iniciação à leitura e à escrita é lacunar na formação inicial dos futuros professores (Leite et al., 2022).

Entretanto, surge a ideia: Vamos desafiar alguns docentes da Escola Superior de Comunicação Social (ESCS) para realizarmos um documentário que aborde este tema. Queríamos um recurso audiovisual

que pudesse chegar ao público em geral, mas também aos professores em formação, e que suscitasse uma reflexão sobre este tema.

A primeira pessoa da ESCS contactada foi a Joana Souza. A Adriana sabia que ela andava entusiasmada com o mundo do documentário, frequentava inclusivamente uma unidade curricular sobre o tema, lecionada por Joana Pontes, e andava até a fazer gravações para um documentário sobre a história da sua família.

Com uma certa dose de loucura associada, Joana Souza achou que era a oportunidade ideal para casar duas áreas de conhecimento: a comunicação e a educação. Por um lado, surgia a hipótese de criar um recurso que partia da experiência profissional de docentes e, por outro, de explorar o documentário como suporte à transmissão de conhecimento e ao registo de memórias no âmbito das instituições de ensino superior. Decidimos depois integrar neste projeto o Ricardo

Pereira Rodrigues, velho amigo e parceiro de aventuras digitais. Ele, é claro, aceitou de imediato. Une-nos a crença de que somos/podemos ser uma equipa de sonho e de que conseguimos aliar o trabalho ao gosto de estarmos juntos.

Juntaram-se depois à equipa a Joana Pontes, docente da ESCS com longa experiência na área do documentário, e João Ribeiro, docente da Escola Artística António Arroio.

Foram estes os primeiros passos que levaram à criação do projeto DOC-EDU, que previa a criação de um documentário sobre o processo de ensino da leitura e da escrita nos primeiros anos de escolaridade.

“Ela fala com
as pedras
do livro,
com as sílabas
da sombra.”

António Ramos Rosa, *A Leitora in Volante Verde*



Maria, na viagem de carro para o Núcleo Museológico Escola Primária de Santa Justa, Concelho de Alcoutim, no primeiro dia de rodagem.
março, 2025

A personagem principal

Havia na nossa mente uma personagem que tinha de entrar nesta história: Maria Encarnação da Silva, docente aposentada da Escola Superior de Educação de Lisboa. É uma exímia contadora de histórias, uma professora que nos marcou profundamente e que deixou um lugar vazio na escola (e dentro de cada um de nós) que é difícil de preencher. Devíamos-lhe também uma homenagem, que não podia ser banal. Uma conferência, um livro de artigos... não. Tinha de ser em grande!

Um documentário? Mas ela é ao mesmo tempo tímida e reservada. Iria aceitar uma coisa destas?

Marcámos um almoço/reunião na *Lanchonete* para a equipa a conhecer. Falámos-lhe da nossa intenção de fazer um documentário que funcionasse como registo das práticas pedagógicas para o ensino da leitura e da escrita no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

E foi nesse momento que ela nos

disse: Mas para vos falar sobre esse assunto, tenho que vos contar a história de como é que eu aprendi a ler e a escrever.

Escusado será dizer que a história que nos contou nos deixou sem palavras.

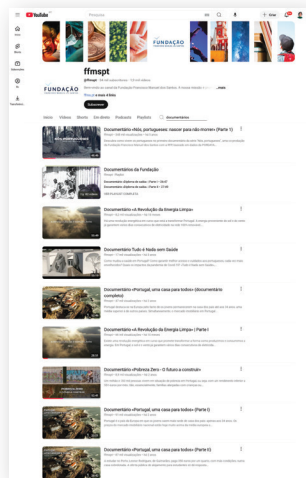
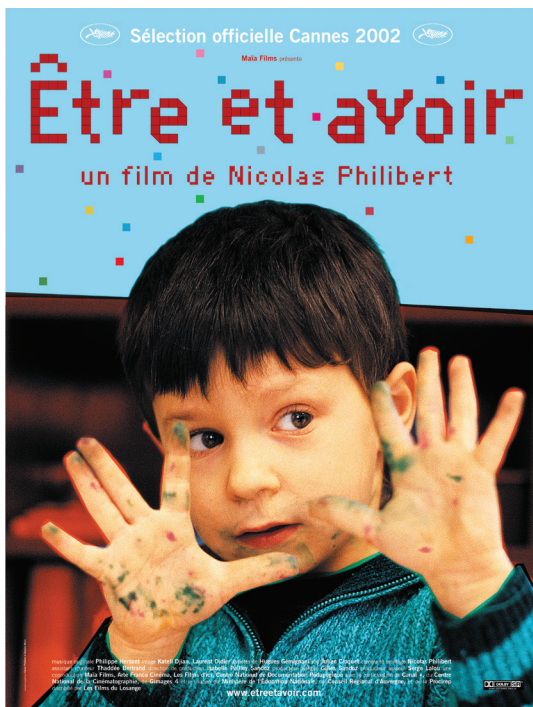
Sáímos daquele primeiro encontro sem grandes certezas sobre o formato, mas seguros do valor inequívoco da história que tínhamos ouvido, que era ao mesmo tempo a história de uma professora, a história de uma leitora e parte da história de um país.

O processo de pesquisa e a entrevistada

Esta etapa iniciou-se com a recolha de informação e pesquisa de conteúdos audiovisuais que, de alguma forma, fizessem uma ponte com o que pretendíamos desenvolver. São exemplo disso o documentário *Être et Avoir*, realizado por Nicolas Philibert, em 2004, os documentários da Fundação Manuel dos Santos e da série Op-Docs do New York Times...

Apesar de termos listado alguns tópicos a abordar no filme, sentimos a necessidade de ter uma linha condutora. Decidimos que seria importante ter uma conversa mais detalhada com a Maria sobre os temas a explorar no documentário. Foi criado um guião e marcou-se uma primeira entrevista.

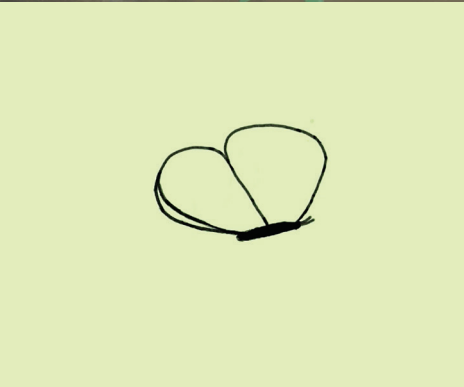
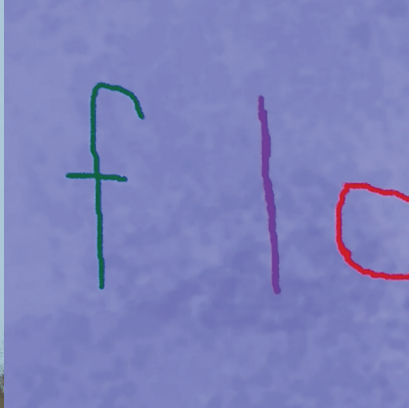
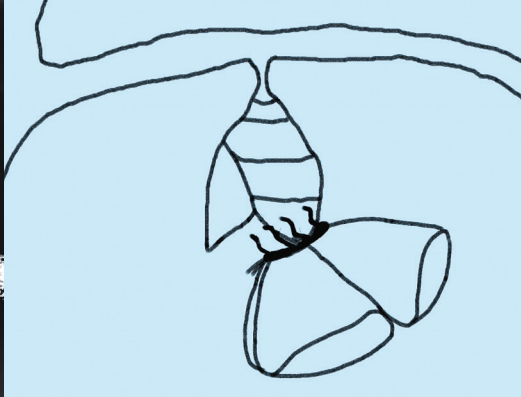
A Maria aceitou prontamente a este primeiro desafio. No dia agendado, numa sala vazia da Escola Superior de Educação de Lisboa, ouvimos, em detalhe, a história do seu percurso, pessoal e profissional. Com enorme generosidade, ela partilhou connosco muitos dos momentos da sua formação que contribuíram para que se tornasse professora de 1.º Ciclo do Ensino Básico e, mais tarde, professora do Ensino Superior.



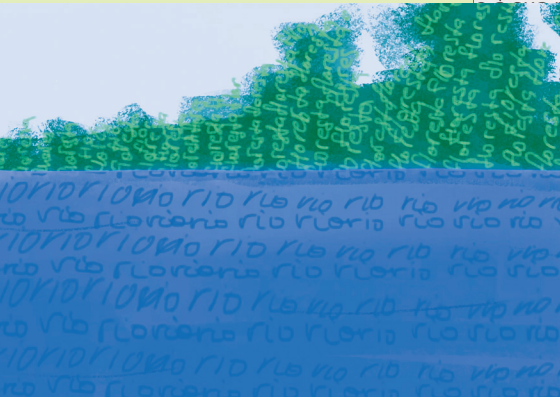
Capa do documentário *Être et Avoir* (à esq.); canal de youtube da Fundação Manuel dos Santos (em cima).



Primeira entrevista com a Maria, na Escola Superior de Educação de Lisboa. outubro, 2024



ar serpenteava entre as sombras, refletindo a luz das estrelas. A magia, repleto de criaturas místicas e de uma energia que os mortais não podiam perceber. Diziam que o rio possuía poderes secretos, que manifestavam-se nas noites mais sombrias. A correnteza cantava uma melodia que, se ouvisse com atenção, poderia ouvir o eco de histórias antigas. Os elfos, nas montanhas mais altas, veneravam o rio, pois acreditavam que ele trazia sorte e prosperidade. Ouvir o rio significava ouvir o futuro. Cada manhã, ao acordar, parecia mudar, o rio parecia mudar, como se fosse capaz de prever os acontecimentos do dia seguinte. Certa vez, um jovem elfo chamado Elandor viajou ao longo do rio em busca de respostas para uma profecia que assombrava a floresta, o rio e as estrelas estavam conectados, e que através dele seria possível desvendar os mistérios que ameaçavam seu lar. Enquanto viajava ao longo do rio, Elandor percebeu algo estranho. A água, que antes era cristalina e líquida, agora estava turva, quase escura. A floresta, silenciosa e cheia de vida, parecia observar em silêncio. Elandor sabia que algo estava errado. Se o rio parasse de fluir, a magia da floresta, toda a magia da floresta, começaria a murchar. A magia do



O guião do documentário

Foi a partir da transcrição desse relato que começámos a esboçar o guião do documentário. Com o desenvolvimento do guião, o maior desafio que se ia colocando era o de pensar o formato visual. Tínhamos uma boa história, com informação relevante, mas não queríamos ter um filme em que a linguagem audiovisual se resumisse a um plano de entrevista. Começámos então a refletir sobre os recursos visuais que poderíamos utilizar para criar um ambiente imersivo.

Por essa altura, iniciámos o trabalho com a Escola Artística António Arroio, um dos parceiros do projeto. Entre novembro de 2024 e fevereiro de 2025, as alunas Anastasiia Tymoshenco, Mafalda Correia e Mariia Shevchenko realizaram um conjunto de dez animações, algumas das quais integradas no documentário. Não se pretendia que as animações ilustrassem o que era dito, mas antes que fossem criadas metáforas visuais que funcionassem como pequenas narrativas individuais.

Foi também durante este período que se tomaram algumas decisões de rodagem: filmar na Corte João Marques, a terra natal da Maria, situada em plena Serra do Caldeirão, no Algarve, e filmar uma turma de 1.º Ciclo do Ensino Básico. Para além disso, iniciámos também um processo para pedido de utilização de imagens de arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian, que considerámos muito adequadas para retratar o papel que as Bibliotecas Itinerantes da Gulbenkian tinham tido na formação da Maria.

Finalizado o guião, prosseguimos com a produção do documentário.

Frames retirados das animações criadas pelas alunas Anastasiia Tymoshenco, Mafalda Correia e Mariia Shevchenko, no âmbito da parceria com a Escola Artística António Arroio. novembro, 2024 a fevereiro, 2025

A produção

A sala de aula

Visitámos, pela primeira vez, a Escola Professor José Salvado Sampaio em meados de fevereiro. Foi lá que decidimos acompanhar uma turma de 1.º ano.

A professora Sandra Fernandes e a sua turma receberam-nos muito bem. Foi um momento muito especial em que conversámos sobre a diferença entre filmes com histórias “inventadas” e filmes com histórias “verdadeiras”. Os alunos ficaram muito entusiasmados com a ideia de participarem num documentário. Combinámos que, ainda antes das filmagens finais, passaríamos com eles uma manhã para lhes mostrarmos a câmara de filmar e os microfones de forma a criar uma familiaridade com esta tecnologia e com a equipa.

A Serra do Caldeirão

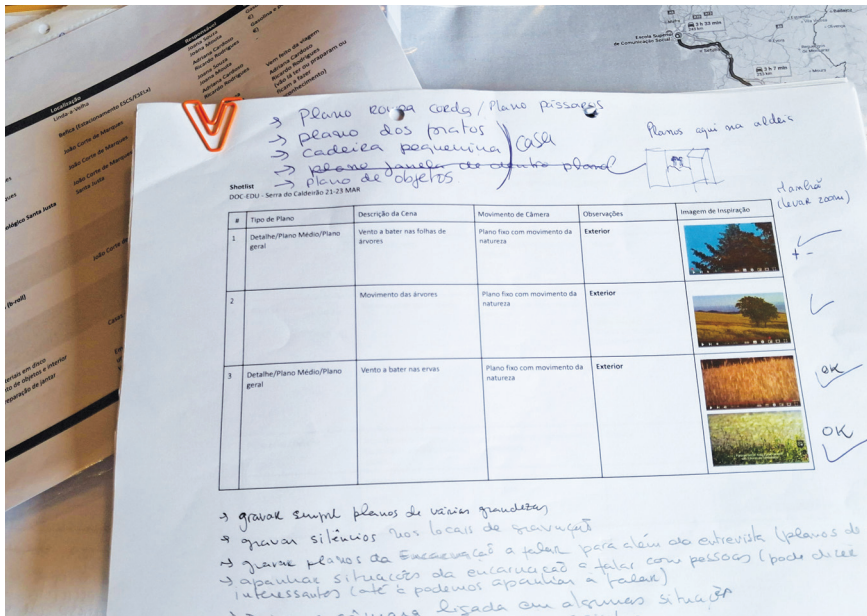
A rodagem na Serra do Caldeirão ficou agendada para o início da primavera, dia 21 de março.

Pensámos que, por essa altura, estaria bom tempo, o que seria ideal para filmarmos alguns planos no exterior com a Maria.

*Shotlist desenvolvida para rodagem na Serra do Caldeirão.
janeiro - março, 2025*

Queríamos dar a conhecer as particularidades de um lugar isolado, situado no coração da serra. Através dessas imagens, queríamos despertar o olhar para a forma como o lugar onde se nasce pode abrir ou fechar percursos de aprendizagem.

Antes das filmagens, preparámos uma *shotlist*, isto é, uma lista que indica cada plano previsto e a forma como seria captado. Procurámos várias imagens de referência para o tipo de planos que pretendíamos filmar. Nesta etapa, já estava a colaborar connosco a Joana Mouta,



responsável pela direção de fotografia do filme.

À medida que a rodagem se aproximava, íamos organizando os dias que iríamos passar na Corte João Marques. Íamos ficar em casa da Maria, que tinha uma lareira e quartos para todos. Planeámos a ementa e as compras, pois sabíamos que lá perto não havia nem restaurante nem mercearia.

A semana que antecedeu a partida foi de altos e baixos. A previsão meteorológica ameaçava chuva para os três dias agendados. Para além disso,

o contacto que tínhamos feito para filmar numa escola-museu no dia de chegada, no concelho de Alcoutim, não nos respondia.

Apesar das contrariedades, mantivemo-nos fiéis ao plano, com a devida flexibilidade. Preparámos refeições completas para os três dias, acreditámos que iria haver abertas no meio da chuva e, mesmo antes de partirmos, recebemos um email da Senhora Manuela a confirmar que no dia e na hora marcados poderíamos filmar na escola-museu do concelho de Alcoutim.



A rodagem



Serra do Caldeirão

No primeiro dia de rodagem, saímos de Lisboa ao início da manhã. O dia que se anunciava chuvoso deu-nos tréguas a viagem inteira. A Maria iria estar na Corte João Marques à nossa espera. Tinha ido uns dias mais cedo com o marido para preparar tudo para nos receber.

Durante a viagem, falámos pouco sobre as filmagens e mais sobre as razões que nos levaram a embarcar

neste projeto. Talvez tenha sido a forma de nos alinharmos e de nos prepararmos para aqueles três dias no meio da serra.

Quando chegámos, foi o vizinho da Maria, o Senhor Ernesto, que nos levou à casa do “Ti Costa”, nome atribuído em homenagem ao pai da Maria. Não tínhamos tido acesso a qualquer referência visual da casa. Mal entrámos, avistámos, do lado esquerdo, uma enorme lareira perfeitamente decorada com várias

Maria no baloiço do Mirador da Serra do Caldeirão (à esq.); Joana Mouta e Joana Souza durante as filmagens (em cima).
março, 2025

peças de artesanato. Do lado direito, uma mesa refeição e uma pequena cozinha. Pelo corredor, vimos os quartos e, ao fundo, uma porta que escondia um belo terraço e um belo limoeiro com vista para a serra. Tínhamos boa luz para gravar e muitos detalhes visualmente interessantes. E havia chá, muito chá, para todos os gostos.

No primeiro dia, almoçámos e seguimos para a escola-museu, no concelho de Alcouthim. Quando lá chegámos, encontrámos uma réplica perfeita de uma sala de aula dos anos 50. Registámos logo, no topo da sala, acima do quadro de ardósia, a falta do crucifixo, que tinha sido levado para restaurar. Filmámos muitos detalhes: as pequenas ardósias usadas pelos alunos, os manuais antigos, os cadernos dos alunos e o mobiliário.

Ao fim da tarde, ainda demos um longo passeio pelas margens da ribeira da Corte. A ribeira transbordava e a água corria veloz. Visitámos vários pontos ao longo da margem. Parámos no Pego do João Lourenço, zona da ribeira rodeada por altos rochedos, onde a Maria se sentava à espera que as mouras encantadas aparecessem. Descobrimos que as taliscas que se desprendem desses rochedos xistosos eram usadas para fazer os lápis que as crianças usavam

para escrever nas ardósias, na escola. Experimentámos fazer alguns exercícios de escrita. Entretivemo-nos ainda a atirar pedras pequenas à água para ver quem as conseguia fazer dar mais saltinhos.

Continuámos descendo a margem e parámos na zona em que a ribeira é atravessada por blocos de cimento colocados espaçadamente (designados por passadeiras). A água quase galgava as passadeiras, ainda assim



Maria no Núcleo Museológico
Escola Primária de Santa Justa,
no Concelho de Alcouthim (em cima);
Maria escreve com uma talisca sobre a
pedra (pag. 31, em baixo, à esq.);
rodagem de exteriores na Corte João
Marques (pág. 31, em baixo e à dir.).
março, 2025

o temerário Ricardo deixou-nos com os cabelos em pé, atravessando, em passo de corrida, várias vezes para lá e para cá.

Foi nessa primeira noite que, de la-reira acesa, ouvimos a Maria. Começou por nos acolher com um poema de Alexandre O'Neill, depois contou-nos duas, três histórias de Fernando Lemos. Até vestiu a saia das histórias que uma costureira, conhecida do Bruno Paulo, lhe fez. Era cheia de

bolsos, de onde saíam adereços para contar as histórias. A Maria rodopiava feliz, como uma criança.

O dia pareceu enorme, mas à noite, antes de nos deitarmos, picámos a *shotlist*. O quê, só gravámos três cenas?!

O segundo dia de filmagens começou muito cedo, para alguns. Queríamos apanhar o pastor Zé Manel e as suas ovelhas. Captámos o som dos badalhos nos chocalhos e as lides de pastor







O pastor Zé Manel e as suas ovelhas em Corte João Marques (pag. 32, à esq.); Adriana, Joana e Ricardo durante a sessão de histórias da Maria (pág. 33, à esq.); A visita da padeira, durante a filmagem da entrevista (pág. 33, à dir.).
março, 2025

moderno, que, para nossa surpresa, orientava o rebanho a partir do volante do carro. Nesse dia, a chuva fez-se sentir e decidimos gravar a entrevista da Maria, junto à lareira, ainda da parte da manhã. Foi um momento muito comovente, mas muito exigente, principalmente para a nossa protagonista, que era captada por câmaras omnipresentes. Mas havia sempre a erva cidreira, o poejo e a bela-luísia a acompanhar-nos. E muita amizade e partilha.

Valeu-nos o apito da padeira, que che-

gou sem avisar e nos proporcionou um momento muito divertido, com trocas de pão, popias e costas à janela da cozinha. Nessa altura, já a Maria falava com traços dialetais que nunca antes ouvíramos.

À tarde prosseguiu a gravação de mais exteriores. Filmámos a ribeira, as rochas, as árvores, os pássaros e as casas. Filmámos ainda a casa, muito despida e já decrépita, onde cresceu a Maria.

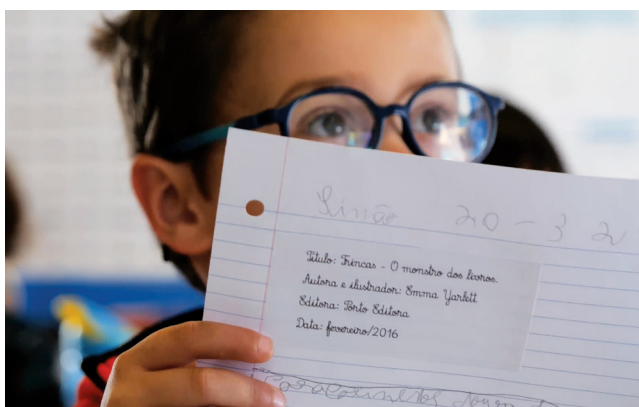
No terceiro e último dia de rodagem, subimos a serra de carro e experi-

mentámos as curvas e contracurvas de quem queria ir para lá das colinas. Foi no miradouro da Serra do Caldeirão que filmámos o plano inicial do documentário e a Maria a olhar o horizonte. O vento estava persistente, o que dificultou a captação de áudio. Voltámos para arrumar as malas e o material de gravação e, mesmo antes de partir de regresso a Lisboa, a Maria chamou-nos para nos mostrar que tinha entrado uma andorinha para dentro de casa. O primeiro impulso foi tentar fazer com que saísse para o exterior, mas rapidamente captámos a beleza do momento e aproveitámos para gravar um último plano. No regresso, de carro, ouvimos mais histórias da Maria e agradecemos-lhe profundamente pela experiência única que nos tinha proporcionado.

Escola de 1.º Ciclo

As filmagens na escola de 1.º Ciclo estavam programadas para a semana seguinte. Iríamos passar uma manhã com a professora Sandra Fernandes, antiga aluna da Maria, e com a sua turma de 1.º ano. Um mês antes tínhamos deixado pequenas orientações para o dia das filmagens, mas não sabíamos ao certo o que nos esperava. Sabíamos que a professora Sandra chegava sempre antes dos alunos para preparar os materiais, quase

em formato de ritual. Por isso, fomos com ela muito cedo, para captar a sala ainda em silêncio. Filmámos a chegada das crianças. Algumas não conseguiram evitar olhar para a câmara com surpresa. Como já nos conheciam e sabiam o que estava a acontecer, ao fim de algum tempo, esqueceram a nossa presença. Fomos filmando a atividade passo a passo: a leitura das histórias, a votação, a construção do texto, o desenho dos fantoches e as conversas circunstanciais. A meio da rodagem, começaram trabalhos numa obra perto da escola, que, em alguns momentos, comprometeram a captação de áudio. Ao final da manhã, depois de os alunos saírem para almoçar, entrevistámos a professora Sandra. Após o fecho das filmagens, seguiu-se uma nova fase, a montagem. Mas antes da montagem era preciso re-visitatar a proposta inicial. Era necessário reestruturar a narrativa à luz da entrevista feita na Serra do Caldeirão e da atividade filmada na escola. Era preciso estudar o encadeamento das várias cenas e organizar as sequências. Em suma, era preciso que a realização se ocupasse de definir a linha condutora do documentário. Por isso, antes de se iniciar oficialmente a montagem, reformulou-se o guião e fez-se uma pré-montagem.



Filmagens na Escola Básica José Salvo Sampaio.
março, 2025



A montagem

Durante o desenvolvimento do documentário, notámos na Maria uma particularidade única que queríamos transpor para o filme, que era o facto de ela fazer espontaneamente uma meta-análise dos episódios da sua vida, à medida que os contava. Decidimos que queríamos trazer as histórias da Maria mas também a sua análise.

A Maria não sabia ainda, mas tinha dado o primeiro passo, muito importante na sua vida, para se vir a tornar leitora, porque ela estava com um projeto de leitora. Ela tinha qualquer coisa, uma motivação muito grande para querer aprender a ler, que lhe vinha do ouvir as histórias do primo Augusto e de querer conhecer outras histórias.

Se eu não tivesse sido tão competente como leitora, eu nunca teria tido tanto sucesso académico. Mais tarde, quando me vim a formar como professora, isso foi qualquer coisa que me marcou profundamente e que eu senti que era qualquer coisa que eu tinha que ser capaz de transmitir aos meus alunos

Eu estou absolutamente convencida de que a leitura pode funcionar como uma forma de o elevador social funcionar. Funcionou comigo e estou convencida de que funciona também com outras pessoas.

(Excertos do Documentário *A Leitora*)

Maria à porta de casa, na Corte João Marques, durante rodagem.
março, 2025

Foi com esta visão que começámos a montagem do documentário. O primeiro passo da montagem foi seleccionar e organizar cronologicamente as partes da entrevista que queríamos usar. Essa foi a tarefa mais exigente. A Maria tem um discurso muito articulado mas com poucas pausas, o que dificultava o corte.

A partir dessa montagem de áudio, conseguimos organizar as sequências principais: a história de vida inicial, o momento de viragem (em que consegue continuar a estudar), a sua formação académica e a sua experiência enquanto docente de 1.º Ciclo e docente do Ensino Superior.

Em paralelo, vai-se desenrolando a atividade de dramatização da história numa sala de aula dos dias

de hoje. É através dessa dicotomia que vamos avançando na história e vamos acompanhando *A Leitora* em diferentes momentos de reflexão.

A componente visual percorre vários espaços: a casa onde nasceu a Maria, a lareira onde o primo pastor lhe contava histórias, a ribeira onde ia buscar as pedras de xisto para fazer lápis, uma sala de aula de época (todas filmadas na Serra do Caldeirão), a ESELx, a escola primária José Salvado Sampaio (em Benfica).

Em alguns momentos, recorremos às animações enquanto metáforas visuais de alguns conceitos: como a construção da autoimagem do leitor, que é representada por uma lagarta que se transforma em borboleta, ou capacidade de as histórias criarem



laços entre pessoas, que é representada através de uma semente que cria raízes entrelaçadas.

Foram ainda utilizadas algumas imagens de arquivo: fotografias das Bibliotecas Itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian e fotografias de época, gentilmente cedidas pela Maria. A meio do processo de montagem, foi criada, pelo Nuno Palma, a banda sonora original, um conjunto de músicas em piano e guitarra usadas para marcar a densidade emocional de algumas sequências. Para além da música, utilizámos sobretudo som ambiente e sons da natureza (o vento nas árvores, os badalos das

ovelhas, o cantar dos pássaros), ou o som de fundo de crianças em sala de aula.

Ao longo do processo, fomos mostrando o resultado a diferentes pessoas, que contribuíram de forma inequívoca para melhorar o filme. Por essa razão, a montagem seguiu o rumo comum a um projeto desta natureza, que naturalmente é um processo longo e conta com frequentes reconstruções.

Ficámos muito felizes com o resultado, um documentário que abre espaço para a reflexão sobre as histórias de iniciação à leitura e à escrita da Maria e de cada um de nós.

Sequência de frames do documentário *A Leitora*.
maio, 2025







Maria durante as filmagens no Pego do João Lourenço,
zona da ribeira da Corte.
março, 2025

O DOCUMENTÁRIO A LEITORA: NOTAS SOBRE O PROCESSO CRIATIVO

Editor

Instituto Politécnico de Lisboa
Estrada de Benfica, 529
1500-085 Lisboa
www.ipl.pt

Textos

Adriana Cardoso, Joana Souza,
Joana Pontes, João Ribeiro,
Ricardo Pereira Rodrigues,
Susana Pereira

Fotografias

Adriana Cardoso, Joana Mouta,
Susana Pereira

Design Gráfico e Paginação

Joana Souza

Fontes Tipográficas

Open Sans (Ascender Corporation/
Google) e Merriweather (Sorkin
Type)

© Edição: Instituto Politécnico
de Lisboa, 2025

1.^a edição, outubro 2025

ISBN
978-989-36530-4-3

Financiamento



**POLITÉCNICO
DE LISBOA**

POLYTECHNIC
UNIVERSITY
OF LISBON



ESCOLA SUPERIOR
DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

LIACOM

Laboratório de Investigação Aplicada
em Comunicação e Média

fct

Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

Parceiros

Cátedra UNESCO
Comunicação,
Literacia Mediática
e Cidadania



ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
DE LISBOA



António Arroio
ESCOLA ARTÍSTICA

Financiamento



**POLITÉCNICO
DE LISBOA**

POLYTECHNIC
UNIVERSITY
OF LISBON



**ESCOLA SUPERIOR
DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

LIACOM

Laboratório de Investigação Aplicada
em Comunicação e Média



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

Parceiros

Cadeira UNESCO
Comunicação,
Literacia Mediática
e Cidadania



**ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
DE LISBOA**



António Arroio
ESCOLA ARTÍSTICA